

Samuel

Críticas de Beer à Constituinte

por Roberto Baraldi
de São Paulo

O presidente José Sarney desistiu na noite de quarta-feira de participar da solenidade de abertura do Salão do Automóvel e Autopeças, em São Paulo. As 22 horas de quarta-feira, o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, telefonou para o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), André Beer, comunicando a posição do presidente.

Foi uma decisão surpreendente, pois Sarney havia manifestado pessoalmente a André Beer seu interesse em participar do evento normalmente inaugurado em edições anteriores pelo presidente. Na realidade, a data de inauguração do salão, originalmente programada para hoje, foi antecipada em um dia, como forma de permitir que o presidente Sarney o visitasse antes de embarcar para a União Soviética.

O cancelamento da visita de Sarney ao salão surpreendeu até mesmo membros da equipe de seguran-

ça, que trabalharam na noite de quarta-feira e madrugada de quinta-feira na checagem do pavilhão de exposições.

O ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, foi vago ao justificar a ausência do presidente da República. "Ele foi surpreendido por deveres e razões de Estado, que fizeram com que ficasse em Brasília", disse o ministro.

Especulava-se durante a solenidade, entretanto, que a ausência do presidente seria manifestação de desagrado a declarações do governador paulista Orestes Quércia contra a política econômica. Outra causa também indicada seria a necessidade de o presidente dirigir, pela manhã, em Brasília, uma reunião extraordinária para analisar a tendência de alta da inflação.

No final da tarde, a versão dominante era outra: o presidente teria cancelado a viagem em represália aos termos duros do discurso do presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automoto-

tores (Anfavea), André Beer. Essa versão teve origem em Brasília.

André Beer negou-a enfaticamente. "O discurso foi submetido à apreciação do presidente da República com dias de antecedência. No discurso, não há ataques. Apenas repetimos o alerta sobre o perigo de se erguer barreiras ao capital estrangeiro", afirmou Beer. "Além disso, apenas fomos comunicados do cancelamento da viagem às 22 horas da quarta-feira, quando a equipe presidencial já trabalhava no Anhembi", acrescentou Beer.

No principal trecho de seu discurso, Beer afirma: "Não podemos esconder nossa decepção diante do tratamento discriminatório a que essas empresas (as multinacionais) foram submetidas no texto de nossa nova Constituição, que traz de volta a imagem de um Brasil antigo, dependente de artifícios para encerrar a realidade econômica internacional, que reflete, hoje, um mundo sem fronteiras. (...) Para uma nação que deseja acima de

tudo a prosperidade de seu povo, é vital repensar sua estratégia de relacionamento com o capital externo".

O presidente da Anfavea acrescenta no discurso: "Neste momento, o que mais precisamos — e queremos — é premiar a eficiência, é dar oportunidade a quem quer progredir, investir, criar novos empregos e, assim, participar ativamente do processo de desenvolvimento da Nação. Esta é uma postura mais inteligente do que insistir em erguer barreiras à colaboração externa. É normal e natural as empresas multinacionais procurarem abrigo naqueles países mais receptivos aos seus projetos. Se, por acaso, não encontrarem aqui clima favorável para realizar seus investimentos, certamente vão se dirigir para o novo oásis econômico, representado pelos NICs, ou seja, os novos países industrializados. E, como se vê, uma questão de opção: ou abrimos nossos olhos ou fechamos nossas portas".

(Ver página 12)

14 OUT 1988 Apreensão chega ao Itamaraty

GAZETA MERCANTIL

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O clima tenso que agitou os gabinetes oficiais em Brasília, desta vez chegou ao Itamaraty, que quase sempre não se envolve diretamente em crises internas do governo. Os motivos dos vários telefonemas que o porta-voz Ruy Nogueira recebeu ontem, desde a manhã, eram dois: saber se o presidente José Sarney cancelara a sua viagem à França e à União Soviética que se inicia na tarde de hoje, e apurar se o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, secretário-geral da chancelaria, seria mesmo

o substituto de Marçílio Marques Moreira, embaixador em Washington, dado, de acordo com os boatos, como o provável novo presidente do Banco Central (BC).

O chanceler Roberto de Abreu Sodré, que ontem deu duas entrevistas — ao Bom Dia Brasil e à Radiobrás — sobre a viagem do presidente, ao saber dos comentários sobre o cancelamento da visita, disse que eram "inevitáveis" devido à onda de boatos que tomou conta do País e que começou com a alta dos rendimentos do "open", e a conseqüente queda das bolsas de valores.

Especulou-se muito, ontem. A provável queda do presidente do BC, Elmo de Araújo Camões, daria margens a que Marques Moreira o substituisse e em seu lugar fosse designado Flecha de Lima. Essa informação, aliás, já aparecera na edição de ontem do jornal Correio Braziliense.

No final da tarde, os rumores foram desmentidos: Sarney viaja mesmo à França, à URSS e a Portugal. Quanto ao embaixador Flecha de Lima, fontes diplomáticas não descartam que ele seja o futuro representante do Brasil junto ao governo norte-americano, o que somente deverá ocorrer,

no entanto, no final da administração Sarney, quando Marques Moreira deixará o cargo que ocupa em confiança.

Salvo uma mudança na trajetória da política econômica que traga o atual embaixador em Washington a Brasília, seja como presidente do BC seja como ministro da Fazenda, a situação permanecerá inalterada. Flecha de Lima, por ser o diplomata mais graduado na hierarquia do Itamaraty, se se tornar chanceler, deverá mesmo chefiar a embaixada em Washington, o posto mais importante da diplomacia brasileira.